Primeiras impressões: narrativas de três viajantes do Século do XIX pelo Vale do Macacu

Me. Vinícius Maia Cardoso¹

RESUMO:

O artigo busca analisar aspectos naturais e socioeconômicos da região do Vale do Macacu a partir do estudo comparativo dos relatos de três viajantes: o norte-americano Thomas Ewbank, o alemão Herman Burmeister e o suíço Johann Jakob von Tschudi, que estiveram nesta região respectivamente em 1846, 1851 e 1864. Os relatos de viajantes são importantes fontes primárias para estudos históricos de âmbito mais geral sobre o Brasil e, também em abordagens de caráter regionalizado acerca das inúmeras localidades por onde tenham atravessado e registrado suas impressões.

PALAVRAS-CHAVE: Viajantes, Vale do Macacu, sociedade.

¹ Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira. Professor da Universidade Salgado de Oliveira, *campi* Niterói e São Gonçalo.

Introdução

Este artigo é uma adaptação da Introdução de minha dissertação de Mestrado que defendemos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e que contou com financiamento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Essa pesquisa abordou aspectos sociais, econômicos, culturais e demográficos na região do Vale do Macacu, na província do Rio de Janeiro durante os séculos XVIII e XIX.

Todo o trabalho de pesquisa esteve focado na trajetória da família de um comerciante, e posteriormente senhor de engenho local, rico e influente proprietário de terras e escravos na região.

Já no presente artigo buscamos analisar aspectos naturais e socioeconômicos da região do Vale do Macacu a partir do estudo comparativo dos relatos de três viajantes europeus, o norte-americano Thomas Ewbank, o alemão Herman Burmeister e o suíço Johann Jakob von Tschudi, que estiveram nessa região respectivamente em 1846, 1851 e 1864.

Os relatos de viajantes são importantes fontes primárias para estudos históricos de âmbito mais geral sobre o Brasil e, também, em abordagens de caráter regionalizado acerca das inúmeras localidades por onde tenham atravessado e registrado suas impressões particulares. Impressões estas que estão, obviamente, relacionadas a todo um complexo conjunto de circunstâncias, tais como a origem, preparo intelectual e particulares “visões de mundo” desses mesmos viajantes. No caso deste artigo, a análise da região macacuana se insere num espaço geográfico contemporâneo ao século XIX.

Segundo Manolo Florentino e José Roberto Góes,

Sem a menor sombra de dúvida, portanto, o passado, e com ele a escravidão, estão irremediavelmente mortos. Estarão, no entanto, irreconhecíveis? (...) A escravidão apenas pode subsistir na idéia que os historiadores dela fazem: está condenada a ser, para sempre, uma invenção. (...) Todas as gerações estão condenadas, pois, a inventar e a reinventar

indefinidamente as sociedades do passado. Neste sentido, a escravidão tornou-se, para sempre, tecido morto, irreconhecível. (...) A história instala-se, portanto, nesta fronteira ambígua entre o irreconhecível e o conhecimento mutante possível, entre o que fomos – ou supomos haver sido – e o que somos – ou imaginamos ser)” (FLORENTINO, GÓES, 1977. p.41-42).

Estudar o passado, portanto, é tentar com as fontes disponíveis, buscar desvelar mundos que não mais existem. Se, no dizer de Florentino e Góes, o papel do historiador é *inventar* o passado a partir do que resta dele, ou seja, a partir de fontes que se possam encontrar disponíveis – seja para a escravidão ou outro tema qualquer – tal invenção não pode prescindir da análise do espaço onde as relações sociais que se pretende analisar tenham ocorrido, no recorte temporal selecionado.

Parafraseando Florentino e Góes, na *fronteira ambígua entre o irreconhecível e o conhecimento mutante possível*, estão não só as relações socioeconômicas para o Vale do Macacu, mas também a própria descrição do espaço geográfico onde estas relações ocorreram, o qual também ‘não mais existe’. Sendo assim, a sua necessária observação só é possível a partir do acesso a informações deixadas por observadores que o visualizaram na sua própria contemporaneidade.

Para tanto, utilizaram-se como instrumentos dessa necessária reconstrução ‘ambiental’ do Vale do Macacu, abstrata até certo ponto, três distintas e particulares visões: a de um norte-americano, Thomas Ewbank, que esteve na região em 1846; do alemão Hermann Burmeister, em 1851 e do suíço, Johann Jakob von Tschudi, em 1864.

Estes viajantes estiveram no Vale do Macacu em épocas distintas, oriundos de lugares diferentes. Três culturas a perscrutar uma região ‘que não mais existe’. Ressalte-se que, mesmo contemporânea aos três, estes por sua vez, se inseriram num espaço geográfico para eles também desconhecido.

Segundo Sidnei Mintz,

ao tratar das intenções dos atores num sistema social, atores que empregam uma variante cultural ao invés de outra em vários momentos de suas vidas, parece necessário enfatizar que a relação entre intenção, ato e consequência não é sempre a mesma. Pessoas diferentemente situadas numa sociedade podem fazer a mesma coisa, pensar em significados muito diferentes para aquilo que estão fazendo, e acarretar consequências diferentes ao praticarem atos similares (MINTZ, apud CHALHOUB, 1990, p.25).

Cada viajante, portanto, é um diferente ator a interagir sobre um mesmo espaço geográfico. Ewbank, Burmeister e Tschudi praticaram, similarmente, o mesmo ato de analisar o Vale do Macacu, cada qual com seus objetivos e munidos de sua bagagem intelectual e sua particular visão de mundo. Analisaram e registraram seletivamente aquilo que ia de encontro a seus interesses. É importante frisar que essas visões não podem ser descoladas de seus preconceitos e juízos de valor.

Em suma, homens imersos nos códigos culturais de seus lugares e tempos, os quais não deixarão de ser, para eles, as ferramentas com que manusearam a realidade para onde voluntariamente se transportaram. Os relatos, embora apresentem similaridades, deixam perceber diferentes enfoques dados por estes viajantes, já que seus olhares e anotações estão relacionados aos objetivos que os moveram a atravessar o Atlântico e se internar nas paisagens urbanas e rurais do Brasil. Um Brasil tropical e hegemonicamente rural e escravista.

Para o Vale do Macacu, os relatos destes três viajantes variam em detalhes, pelo motivo do que já se expôs, e também pela periodicidade que apresentam, já que estiveram na região em anos diferentes, registrando dados que ajudam a apontar permanências, e também transformações na região.

A princípio, algumas particularidades podem ser percebidas tomando-se por base os trajetos realizados e os meios de transporte empregados nas travessias pela região: Ewbank e Burmeister fizeram o trajeto no sentido Baía da Guanabara - Cantagalo. Já Tschudi, viajaria em sentido contrário.

Se atravessaram o vale em barco a vapor parte da viagem, seguindo o restante a pé ou em lombo de burro, a travessia de Tschudi empregaria o meio de transporte terrestre mais moderno do mundo na época: depois de descer em lombo de animal a serra, em Cachoeira, localizada na raiz da serra da Boa Vista, trecho da serra dos Órgãos, embarcaria numa composição da Estrada de Ferro de Cantagalo, que na época ligava aquela localidade a Porto das Caixas, às margens do rio d'Aldeia, em Itaboraí. A partir daí pegaria o barco a vapor, descendo o Macacu em direção à Baía da Guanabara.

Burmeister serra acima, e Tschudi, serra abaixo, atravessaram toda a extensão do vale. Já Ewbank realizou curta incursão de alguns dias, limitando-se a explorar algumas fazendas na região do baixo Macacu. Priorizou-se a transcrição dos relatos dos viajantes, na intenção de que estes "*falem*" a respeito de suas observações e experiências, e, pelo caráter restrito do espaço, dada a natureza deste trabalho, limitou-se relatar, salvo algumas exceções, o que informaram especificamente sobre o Vale do Macacu.²

Três homens, três mundos

Antes de acompanhar os relatos dos viajantes, faz-se necessário conhecer um pouco sobre suas vidas pessoais. Segundo Afrânio Biscardi Souza,

Ewbank permaneceu no país entre 31 de janeiro e 5 de agosto de 1846, ou seja, pouco mais de seis meses. Fez fortuna como visionário empresário fabril na América do Norte e a partir daí dedicou-se a estudos de mecânica, hidráulica e ciências sociais. Partidário do liberalismo econômico, racionalismo e cientificismo comum ao momento histórico que viveu, contestou a velha sociedade, cujo comportamento pessoal, familiar, social e político dissonava dos valores filosóficos, morais e estéticos da época. Durante sua estada no Brasil, Thomas Ewbank, como burguês, cientista, protestante e republicano, criticou com afinco o catolicismo que lhe parecia rudimentar, e a brutalidade do sistema escravocrata (SOUZA, 2004, p.1).

² Os relatos foram retirados dos livros escritos, respectivamente, por cada um dos viajantes. Sendo assim, salvo expressa indicação do uso de outra fonte, as citações apresentarão a página de onde foram retiradas nas edições que utilizei dos citados diários de viagem.

Convicto protestante, em treze de junho de 1846, Ewbank deve ter passado um dia irritadiço. Desde janeiro encontrava-se no Rio em plena comemoração do dia de Santo Antônio, a quem não se declinou a chamar de “santo”, deixando registrado no livro que escreveria sobre sua viagem ao Brasil, a irritação que lhe causara o som de foguetes e rojões :

Sendo hoje aniversário de Antônio de Pádua, incessante barulhada foi mantida durante toda a noite passada, em sua homenagem. Agora, foguetes, rojões, fogueiras, músicas, vivas, toques de sinos, tiros de canhões, bombas e tudo o que se inventou capaz de produzir barulho está na ordem do dia. Fosse Antônio de Pádua o deus do fogo e do enxofre, não poderiam trata-lo com maior variedade de compostos sulfurosos (EWBANK, 1973, p. 353).

Ewbank, entretanto, via com pessimismo a possibilidade de que um Brasil, de esmagadora maioria da população adepta do catolicismo aderisse à doutrina protestante:

Quanto mais conheço esse povo, mais remoto me parece o êxito que qualquer missão protestante possa ter entre ele. (...) Os protestantes, dizem, degeneram aqui. A capela dos ingleses jamais recebeu um brasileiro que se convertesse, enquanto os padres conquistaram membros protestantes da colônia inglesa. Os metodistas episcopais mantiveram por algum tempo uma missão aqui, porém a retiraram. (...) E também o clima é contra a severidade de costumes das seitas do Norte. Nenhum metodismo ou puritanismo rigoroso poderá florescer nos trópicos. O comércio do país, interno e externo, é contrário à queda do romantismo. As relações sociais seriam rompidas, e milhares e milhares de indivíduos perderiam os meios de subsistência (SOUZA, 2004, p.5).

Pessimismo regado do tédio que sentia pelas manifestações do catolicismo colonial, ao registrar que já estava “cansado do estralejar da cidade, de seus espetáculos sagrados e exposições de brinquedos eclesiásticos”. A partida para Macacu, marcada para aquele dia foi, com certeza, um alívio para ele.

Hermann Burmeister nasceu em Strallsund, em 1807, falecendo em 1892, em Buenos Aires. Era estudioso de geologia, sendo naturalista e professor, e foi convidado para a cadeira de zoologia da Universidade de Halle, na Alemanha. Esteve pela primeira vez no Brasil em 1850, quatro anos portanto, após a visita de

Thomas Ewbank. Em 1852 embarcou de volta à Europa, onde publicou suas memórias (BURMEISTER, 1980, p.15). Em 1862 Burmeister organizou o Museu de Buenos Aires, estimulando os estudos de Paleontologia e Entomologia na Argentina. O próprio Burmeister escreveria:

O relatório de viagem que aqui publico, tem por fim oferecer aos amigos da natureza e aos estudiosos dos costumes dos povos uma descrição interessante e amena da parte meridional do Brasil, nas proximidades de sua capital, ora confirmando, ora retificando numerosas notícias e observações anteriores de outros viajantes, sobre essa região (BURMEISTER, 1980, p.15).

Antes de vir ao Brasil, portanto, Burmeister buscara ler o que pode encontrar sobre o Brasil, inclusive textos de seus “colegas” viajantes. Johann Jakob von Tschudi, foi diplomata, ministro da República Helvética (Suíça) no Brasil, zoólogo e naturalista. Era formado em Ciências Naturais pela Universidade de Neufchatel e em medicina pela Faculdade de Paris. Fez uma viagem de circunavegação do globo, visitou o Peru durante cinco anos, estudando a fauna, a arqueologia, etnografia e lingüística peruana.

Em 1857 retornou à América do Sul, permanecendo durante dois anos percorrendo o Brasil, Estados do Prata, Bolívia e Peru. Em 1860 tornou-se plenipotenciário da Suíça no Brasil, para onde veio estudar os problemas da imigração helvética. Daí sua passagem obrigatória por Nova Friburgo (RJ) Na Europa, em 1866, foi nomeado embaixador na Áustria, falecendo em 1887 (TSCHUDI, 1953).

Os viajantes

Thomas Ewbank

A viagem para a região de Macacu era longa e parecia ser bem cansativa. Saindo do Rio de Janeiro de vapor naquele dia de Santo Antônio, o mesmo seguiu em direção à foz do rio Macacu, localizada atrás da ilha de Paquetá, a que

Ewbank denominou romanticamente de *a Capri do Rio*.³ Daí subia-se pelo rio até a localidade de Sampaio⁴ e o restante do trajeto se fazia a pé ou em montaria.

Em sua rotina, o vapor seguiu a rota costumeira, caindo na armadilha natural formada por bancos de areia na barra do Macacu, que fazia suas vítimas durante a maré baixa. Após, segundo relata Ewbank, uma espera de trinta minutos, com a subida da maré o barco seguiu viagem rio acima. Observou garças brancas, espécie que ainda hoje pode ser vista em todo o vale, cujo rio, o Macacu, criara em torno de si, no passar dos séculos, uma vasta região pantanosa, descrita pelo viajante:

Com meia milha de largura na foz, o leito do rio estreita-se rapidamente, tornando-se sinuoso como uma serpente. A água é turva, e as margens pouco se elevam da superfície líquida. Densos arbustos se estendem à esquerda por cima de um pântano impenetrável ao longo de quarenta ou cinquenta milhas, e à direita por cinco ou seis, com uma ou outra mancha cultivada. Dizem haver aqui duzentas léguas de pântanos, permanentemente infestados de malária, e habitados unicamente por animais selvagens (EWBANK, 1973, p. 354).

A passagem de barcos repletos de escravos chamou a sua atenção, inclusive pelo fato de Ewbank demonstrar ser conhecedor da proibição de 1831⁵, que buscou coibir, sem sucesso, o tráfico negreiro. Em tom crítico, mostrou indignação com a presença do comércio negreiro e da escravidão, denunciando que escravos eram transportados *até São Cristóvão, para o depósito de escravos perto do Palácio Imperial*. Possivelmente percebera aí a incoerência de se existir uma proibição legal e o tráfico ser exercido bem ali, nas barbas de Sua Majestade

³ Ilha italiana que fica na baía de Nápoles no mar Tirreno, a pouca distância do continente. A ilha possui uma área de cerca de 10,36 km², a maior elevação da ilha é o monte Solaro (589 m).

⁴ No Almanaque Laemmert de 1852 encontramos nota referente à navegação para Sampaio: “*Navegação para o Porto de Sampaio. As barcas de vapor Empreendedor e Sampaense do porto de Sampaio, sahem daquelle porto para a corte às segundas, quartas e sextas-feiras; e voltão ás terças, quintas e sabbados. As apólices desta companhia estão actualmente reunidas em uma só mão por compra feita a todos os sócios; e seu proprietário é o commendador Antonio da Silveira Caldeira, r. do Hospício, 30, 1º andar.*”

⁵ A lei anti-tráfico de 7 de novembro de 1831 foi promulgada durante o período da Regência brasileira, devido a pressões de interesses ingleses. Entretanto, não foi posta em prática, sendo chamada de “lei para inglês ver”. Em 1850 a lei Eusébio de Queiroz viria ratificar a proibição de 1831, sendo, esta sim, cumprida na tarefa de se erradicar o tráfico negreiro para o Império do Brasil.

Augustíssima D. Pedro II. A viagem foi realmente longa: encalhado às três horas da tarde na entrada do Macacu, com o atraso seu grupo só chegaria em Sampaio à noite. Ali alugaram quatro mulas *seladas e prontas* para seguir viagem. No lombo dos muares, relatou que “pouco depois serpenteávamos por terrenos de vegetação fechada e aspecto selvagem. Muito tarde, chegamos a Sambairatiba, hospitaleira fazenda de nossos amigos J. e ^a B....a, propriedade que há várias gerações pertence à família.”

Dia seguinte, quatorze de junho, um nevoeiro recebeu pela manhã os viajantes, o que lhe causou uma inapagável impressão: “a atmosfera era um mar de glóbulos aquosos”. Esse tom romântico não diminuiu sua atenção acerca das práticas do catolicismo, expressa na descrição que deixou da casa onde ficara hospedado na “Sambairatiba”:

A vetusta moradia de nosso anfitrião é uma construção baixa, de pedra, com o costumeiro pátio central. Num dos lados do largo avarandado ou corredor há um pequeno quarto com dois catres, e uma mesa com a padroeira da família, a Senhora da Conceição, numa redoma de vidro, com três velas, não acesas. Outra redoma cobria o que me pareceu uma figura suíça de fantasia, pois estava vestido de redingote⁶, calças, faixa na cintura e largo chapéu de palha. Representava São João Batista, a cuja providência, juntamente com a de “Nossa Senhora”, os velhos proprietários haviam encomendado a fazenda (EWBANK, 1973, p. 354).

Um fato que beira o cômico é narrado com terror por Ewbank, a respeito de ratos que invadiram, segundo ele, o aposento onde ficou hospedado:

Não direi ao leitor por quanto tempo fiquei sentado na cama, procurando afugentar os repelentes animais. Nem todos os assobios e chiados que eu podia fazer para afasta-los, nem as batidas com uma jaqueta sobre a cama e o assoalho pareciam incomodá-los. Ao pé da cama alguns pulavam de momento a momento, e senti que puxavam a jaqueta para tirá-la de minha mão. Para confessar a verdade, eu estava mortalmente

⁶ Casaco comprido, com a frente inteiriça; espécie de sobrecasaca. Dicionário da Língua Portuguesa On-Line. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx> Acesso em 10 de junho 2008

amedrontado, certo de que, se me deitasse, os ratos haveriam de subir-me pela cabeça e o rosto. Os primeiros albos⁷ do dia nunca foram tão esperados por mim quanto naquela madrugada (EWBANK, 1973, p. 355).

Pela manhã, o racional Ewbank descreveria o potencial produtivo da propriedade, considerada por ele como

pequena, com cerca de meia légua quadrada e cercada de montanhas, parte considerável dela consiste em florestas. O gado perfaz trinta e seis muares, quarenta bois e vacas, e setenta escravos, velhos e moços, sendo que trinta são fisicamente aptos. Quatro trabalhadores de primeira classe e duas crianças, avaliados em oitocentos dólares, morreram recentemente de febre. Mandioca, café, feijão, além de carne de porco e de carneiro são produzidos em quantidade suficiente para a família e os negros. O artigo principal da fazenda é o açúcar. Não se cultiva nada mais para ser vendido (...) Nesta fazenda, o carneiro era da raça de Moçambique: preto, com exceção do focinho e da ponta da cauda, orelhas pequenas e levantadas; ágil e com muito pouco pelo ou lã no corpo, mas com juba espessa e hirsuta como do leão (EWBANK, 1973, p. 356-357).

O americano se espantaria com o que entendeu com a mentalidade, ilógica ao seu ver, do fazendeiro:

A colheita deste ano é muito boa, e espera-se que de quatrocentas medidas de oitenta libras cada uma, o que, a 5 centavos de dólar, perfazem somente 1.600 dólares, quantia miserável para um investimento de tanto capital, o produto do suor e das lágrimas de tantos homens e animais, além do custo de ferramentas; soma esta que, além disso, será diminuída pelo custo das caixas, transporte para o mercado, comissões, impostos etc. O engenho, acionado por muares, é do século passado – a primeira forma europeia do original asiático – e consiste em três cilindros rotativos verticais, de madeira, revestidos de ferro. O caldo espremido passa através de uma calha para a caldeira anexa, onde tem lugar o processo comum de concentração (EWBANK, 1973, p. 356).

⁷ Alvorada. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx> Acesso em 10 de junho 2008.

Ainda na fazenda, dedicou longo tempo de observação a colméias de abelhas brasileiras, sem ferrão, “juriti”, que viu presas às paredes de uma moradia de escravos, que denominou de casebre, tendo-os visto localizados entre o engenho e a mansão. Seguindo a viagem, o grupo alcançou outra fazenda, do Sumidouro, “propriedade de um ex-deputado e conselheiro do Império”, considerada por ele muito maior em relação à visitada anteriormente:

O engenho, do último tipo, tinha sido, juntamente com a máquina a vapor que o acionava, importado da Inglaterra. Os cilindros que esmagam as canas são horizontais, e em cada operação os caules passam duas vezes por eles. Havia aqui dois tachos para evaporação. Em todas as fazendas de cana, o melaço é destilado para a fabricação de cachaça. E nesta, também, havia enormes barris em que se depositava a aguardente, e de onde era tirada para venda. São aqui empregados duzentos escravos e cem bois. Cerca de quatorze medidas são cheias diariamente (perfazendo 1.200 libras de açúcar⁸) durante a safra (EWBANK, 1973, p. 357).

Ewbank continua sua exploração da fazenda: “Chegamos a um telheiro, a venda onde os nativos do lugar podiam comprar sabão, calçados, cachaça e utensílios de palha e junco fabricados pelos índios mansos” (EWBANK, 1973, p. 357). Espantou periquitos de uma árvore e observou atentamente alguns formigueiros. Ewbank também visitou outras instalações da fazenda Sumidouro:

No engenho d’água, uma roda de moinho de água de doze pés de diâmetro com baldes de apenas quinze polegadas de largura, acionava três pilões de jacarandá para descascar arroz em almofarizes de madeira. Na oficina de carpintaria, alguns escravos faziam carroças. Utilizando velhos enxós fabricavam rodas e pinas dignas de admiração. Velhos cepos de pau-rosa jaziam por perto, inutilizados pelo fogo (EWBANK, 1973, p. 359).

Retornando à Sambairatiba, sua “base de operações”, enfrentaria nova batalha noturna com os ratos, inclusive relatando que utilizara-se de um livro para

⁸ Cerca de 545 quilogramas.

se dizer missas (missal) para tapar uma possível entrada dos roedores. Num relato afetado, descreveu sua movimentada noite:

Logo a seguir puseram-se a trabalhar em nossas barricadas. Primeiro, uma cedeu, depois outra. Entraram alguns espíões, correram pelo assoalho, saltaram para cima da mesa e das camas, guincharam informações aos companheiros que os haviam enviado, e então, num piscar de olhos a horda invadiu o quarto. (...) retiraram-se às 4 horas da madrugada e até essa hora eu não tivera um momento de sono (EWBANK, 1973, p. 358).

Dia seguinte, 16 de junho, o grupo de Ewbank fez novo reconhecimento pelas fazendas da região, acompanhados pelo feitor da fazenda (certamente a Sambairatiba), “também um pardo e, portanto, proibido de usar sapatos. A seus calcanhares nus haviam sido presas as esporas”. Entraram na floresta, formada por árvores

algumas das quais tinham de três a seis pés de diâmetro, elevando-se a grande altura. Eram as sapucaias, moradia favorita dos macacos. Nossos cães espantaram pacas e outras caças, porém nem os cavaleiros nem os que estavam a pé puderam segui-las, tão denso e escuro se tornara o interior da mata. A vista não podia alcançar mais de vinte pés e às vezes nem dez (EWBANK, 1973, p. 358).

Num encontro com outro grupo no meio da estrada, a implicância de Ewbank com tudo o que era católico apareceria mais uma vez:

Emergindo da mata encontramos um grupo a cavalo, uma senhora, quatro senhores e um monge, cujo largo e branco chapéu de feltro, hábito, escapulário [o que indica tratar-se de um carmelita] e pernas nuas davam engraçado aspecto ao conjunto. Eram membros da família Araújo, para uma de cujas fazendas estavam de viagem, exatamente para aquela que provinha do nome do rio que a banhava: O Rio das Pedras⁹. Sua produção de açúcar nesta safra é avaliada em duas mil medidas de oitenta libras cada uma (EWBANK, 1973, p. 358).

⁹ O termo Rio das Pedras, hoje, denomina ainda o rio e uma escola pertencente à Prefeitura Municipal de Cachoeiras de Macacu.

Na Rio das Pedras desenvolviam-se particulares atividades econômicas:

Nesta fazenda fazem-se grandes quantidades de tijolos e telhas. Sob um telheiro encontravam-se negras jovens e de meia-idade, apenas cobertas por um saio, algumas com crianças presas às costas, a meterem dentro dos moldes a argila que lhes cobre os braços e as pernas e lhes lambuza a cara (EWBANK, 1973, p. 359).

Dali seguiram para o *Colégio*, “outra esplêndida fazenda pertencente aos mesmos ricos proprietários.” E, então, partiram para encontrar três grupos de mascates, que se preparavam para acampar e passar a noite “com seus sacos e canastras, cada um formava três lados de um quadrilátero, dentro do qual alguns descansavam ao comprido, enquanto outros se mantinham acocorados diante do fogo. Seus animais, ao menos uma centena, pastavam por perto” (EWBANK, 1973, p. 360). Na sua exploração das fazendas locais, o grupo chegou à fazenda que Ewbank denomina de Macacu,

(...) dos monges carmelitas da Igreja da Lapa, no Rio. Com uma légua quadrada de belas terras, foi-lhes legada por um velho fazendeiro em troca de um apanágio que lhe prometiam no eu. Somente mandioca, arroz e feijão são cultivados, porém não para venda. A maior parte é consumida no próprio local, e o resto pelos padres, na cidade (...) (EWBANK, 1973, p. 360).

Ewbank descreveu a “Macacu” como especializada na reprodução de escravos para trabalhar para os padres ou para revenda.

Dos escravos, excluindo-se as crianças, somente seis são homens; os demais, uns cinquenta e poucos são mulheres. Os proprietários acham mais lucrativo ocupar-se com criação de negros do que produzir café ou qualquer outro produto. Os rapazes, chegados a certa idade, são enviados para a cidade e empregados no exercício de alguma profissão, e assim ‘se ganha com eles duas vezes mais do que se fossem empregados aqui, no cultivo da terra.’ O gerente é um escravo; levou-nos até um galpão, com chão e paredes de barro, em que trinta mulheres e crianças se ocupavam atabalhoadamente em ralar uma pilha de raízes de mandioca, enquanto outras as lavaram. Nunca eu vira dedos tão disformes, mutilados, duros e

calosos quanto o daquelas mulheres, cujas mãos pareciam ter perdido suas características humanas. Todas vestiam-se de modo confortável e uniforme: saias pretas e uma espécie de bata curta azul-escuro (EWBANK, 1973, p. 360).

Este ponto requer cuidado redobrado. Cumpre relativizar esta informação a respeito da fazenda “*Macacu*”, como especializada na reprodução de cativos. Protestante, Ewbank apresenta, em sua obra uma negativa opinião acerca de tudo que se refere ao catolicismo colonial e o fato de estar visitando uma propriedade carmelita pode ter exacerbado esta sua visível repugnância. Infere-se também que não tenha estado em contato com os frades – e que estes também não se interessariam tanto em contato com ele, protestante.

A abundante bibliografia sobre escravidão não corrobora, para nenhum caso, o fato de que a reprodução do braço escravo se tenha dado, primordialmente, por crescimento vegetativo das escravarias. Esta foi sim, reiterada pela atividade do tráfico, estimulado pelo desequilíbrio demográfico vigente no escravismo brasileiro, dada a alta taxa de mortalidade. Foi justamente o fim do tráfico um golpe de morte na escravidão.

Ewbank descreve claramente ter estado no interior do engenho de farinha da fazenda, ao mencionar a estrutura do prédio, com paredes e chão de barro. A iconografia do período mostra claramente que nestas dependências a presença do elemento feminino era majoritária. Ewbank realmente não poderia ter visto um número significativo de homens. Sua afirmativa ainda se cobre de maior suspeita pelo simples fato de não registrar, crendo-se ter visto tantas mulheres como diz, a presença de ao menos uma que estivesse grávida, o que por si não autorizaria a definir a fazenda como grande “criatório” de negros. Ewbank viu sim, escravas produzindo farinha para os padres, e dedos calejados não parece ser algo tão ‘espantoso’ quanto se leva em conta o trabalho braçal com enxadas, foices e machados. O espanto de Ewbank revela possivelmente sua incredulidade em ver mulheres fazendo “trabalho de homem”. Sua única “prova” é o relato do escravo “gerente” da fazenda. Se é que o fez.

Como outros viajantes, não deixou de dedicar espaço em seus registros à mandioca e ao trabalho e métodos de produção da farinha, vale frisar a menção de Ewbank ao *tipiti*, cesto utilizado na prensa da massa da mandioca ralada para extração do líquido venenoso, produzidos artesanalmente na região e vendidos aos consumidores: “os caboclos, ou índios amansados, fornecem estas prensas aos vendeiros em todas as províncias”. As carretas e bois também chamaram sua atenção, principalmente pelo seu “guincho.” A visão racionalista de Ewbank novamente falou mais alto, quando encontrou-se com um tropeiro que viera trazendo mulas de São Paulo para revenda na região:

Chegou aqui um paulista em viagem para sua terra. Passou, faz uma semana, com duzentas mulas, quase todas novas e ainda não domadas, que vendeu a preços entre quinze e vinte dólares. Voltará em dezembro com outra tropa. A manutenção desses animais nada custa aos fazendeiros, que os soltam no campo, onde são apanhados sempre que preciso, o que acontece principalmente na safra do açúcar. Não há estábulos para abrigá-los; nem se cultiva feno ou aveia para alimentá-los; e não há, também, contas de ferreiro apagar (EWBANK, 1973, p. 360).

Em seu diário relatou sua convivência com caçadores e a visita a um jequitibá na floresta, guiado por Manuel, empregado da fazenda “de Macacu”. Relacionou pacas, tatus, preguiças e macacos, trazendo-nos a idéia da fauna flora abundantes na região. O dia dezenove de junho viu encerrar-se sua excursão ao vale. De volta à sua base em Sambairatiba, novamente reviveu seu tormento com os ratos: “Ontem à noite os ratos fizeram seu costumeiro carnaval.”

Às cinco horas da manhã, H..., M... e eu nos despedimos de nosso amável hospedeiro; às dez alcançamos Sampaio, e pouco depois descíamos de vapor pelo lamacento Macacu. Milhões de bonitas plantas, com caules de três a cinco pés de comprimento, como palmeiras em miniatura, orlavam o rio e ocupavam os brejos. Essa graciosa planta é conhecida entre os índios pelo nome de piripiri. (...) às quatro horas desembarcamos na cidade [do Rio de Janeiro] (EWBANK, 1973, p. 370).

Hermann Burmeister

Burmeister, após sua estada na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de dezembro de 1850 iniciou sua viagem para Minas Gerais atravessando o Vale do Macacu e subindo a Serra dos Órgãos até a Vila de Nova Friburgo, de onde avançaria em direção ao território mineiro. Burmeister registrou sua partida do Rio, quando “pelas 10 horas, fui, em companhia de meu amigo, para a praia da Saúde, onde estacionavam os navios, e ali embarquei no que me havia de levar, atravessando a baía, até Sampaio” (BURMEISTER, 1980, p.86).

O barco seguiu Rio Macacu acima. Burmeister descreveu o aspecto do rio e sua preocupação a respeito do perigo que a insalubridade da região oferecia, inclusive comentando sobre a idéia da transmissão das doenças através da inalação do ar.

O trajeto do Rio até Sampaio, situada a 1 e meia milhas acima da foz do Macacu, atravessa a baía no sentido de sua maior extensão (...) Enquanto navegamos na baía, a água era de cor esverdeada, como se nota geralmente nas costa rasas. Quanto mais próximo da praia, mais turva se tornava a água, tomando então uma cor castanha, que se acentuava cada vez mais. Entrávamos agora na região das águas salobras, perto da embocadura do rio. (...) Ao entrar no rio Macacu, os arbustos de mangue aproximam-se de ambos os lados, cada vez mais, e a água torna-se francamente castanha, mas clara, assim como um café bem fraco. Dizem que estas águas são nocivas ao homem, especialmente aos estrangeiros, não só quando ingerida, mas mesmo as suas exalações, sendo aconselhável afastar-se delas. Os estrangeiros que permanecem por algum tempo em regiões tão baixas, onde há destas águas, provenientes, com toda a evidência, de detritos vegetais em decomposição, são atacados de malária e febre intermitente, que assumem aspecto tifóide. Nessa região é conhecida a doença por “febre do Macacu (BURMEISTER, 1980, p.87-88).

O grupo chegaria com uma hora de atraso a Sampaio, por volta das dezoito e trinta. A chegada à noite se deu, como acontecido com Ewbank, devido ao horário de saída e o tempo normalmente gasto na viagem, passando o alemão o mesmo contratempo do encalhe. Burmeister culpou a superlotação do vapor, com mais de cem pessoas a bordo, como o causador do encalhe.

Após jantar no restaurante em Sampaio, “sem quartos para pernoite”, a expedição, já com noite alta, acomodou sua bagagem em lombo de burro, com apoio de um grupo que viera de Nova Friburgo em auxílio do cientista, e seguiu estrada adiante em direção à vila serrana. Burmeister observou atentamente e descreveu as técnicas que os brasileiros usavam em suas viagens, tais com a formação das tropas, o armamento que se utilizava na prevenção de assaltos, vestuário e a maneira com se carregavam e descarregavam as cargas nos burros. Para deixar registrado aos seus compatriotas estrangeiros que posteriormente o seguissem na aventura de viajar nas estradas do interior do Brasil, narrou a atrapalhada perda de um burro e da capa, chapéu e guarda-chuva do filho. Num golpe de sorte, e o apoio dos guias, conseguiu recuperar os objetos e o burro fujão.

A tropa de Burmeister seguiu noite adentro até que às vinte e duas Horas quando parou para passar a noite na localidade de “Marabi”, em uma ferraria na beira da estrada, “encontrando ali uma pousada deliciosa, de antemão preparada pelo nosso guia. Um bom jantar nos esperava e as camas bem limpas, deram aos viajantes fatigados o conforto almejado” (BURMEISTER, 1980, p.89). Manhã de vinte e dois de dezembro, o grupo seguiu pela estrada até Porto das Caixas,

situada á margem do rio da Aldeia, afluente do Macacu. tida como pouco saudável. Pouco depois da ferraria atravessa-se o rio e chega-se a um canal em linha reta, artificial, marginado de acácias de folhas finas e espinhosas. De ambos os lados o pântano era coberto de junco(...). Embora fosse ainda cedo, o sol ardia com tanta intensidade, que eu tive de valer-me do guarda-sol (BURMEISTER, 1980, p.91).

O grupo finalmente chegou à vila de Santo Antônio de Sá:

A localidade que tínhamos diante de nós era Santo Antônio do Macacu, monótona, mas propícia ao comércio, devido ao rio navegável em cujas margens se encontra. Seus habitantes são vítimas da febre tifóide, que ali grassa muito freqüentemente. Por este motivo, apesar de sua vantajosa situação, o lugar se acha isolado e quase abandonado. Rente da cidade

desemboca o rio Cacerebu, afluente do Macacu. Atravessamo-lo por uma ponte e subimos a colina onde se acha edificada a vila. Não nos demoramos e seguimos, passando por uma segunda elevação, onde se ergue a igreja, rodeada de algumas casas em ruínas (BURMEISTER, 1980, p.91-92).

Chegaram à fazenda da Ponte do Pinheiro, onde em outra venda de beira de estrada descansaram e se alimentaram, para prosseguirem em direção a Nova Friburgo. Burmeister descreveu o que viu nessa venda, além de indicar ter passado em uma das fazendas dos Araújo, embora sua descrição sugira um quadro bem diferenciado do visto pelo seu antecessor:

Surpreendeu-me a variedade de coisas que se encontra em tal gênero de casas. Havia lá não somente toda espécie de comestíveis mas, também talheres, pratos, copos, louças, garrafas, etc.; vestidos de toda espécie e fazendas achavam-se ao lado de apetrechos de viagem, ferraduras, correias, selas, pregos, esporas, chicotes, alforjes e capas, chapéus e estribos, enfim, tudo o que um brasileiro pode necessitar para si e seu cavalo. Havia ainda exposta carne de porco defumada e tocinho, alimento principal dos pretos e único ingrediente para o feijão; carne seca, fubá e farinha de mandioca, que pela cor parece serragem, e se come seca. Ao lado, um grande barril com cachaça, muito procurada pelos pretos. mas venda não tinha apenas estes alimentos comuns; havia também gêneros mais finos, como citronato, goiabada e geléia de marmelo, doces e outras guloseimas (...) decorrida uma hora, chegamos às ruínas de um antigo colégio de Jesuítas, situado sobre uma grande planície rasa. Era uma fazenda então e não oferecia aspecto nada amável. O lugar é conhecido pelo nome de “Campo do Colégio”(…) Passado o campo do Colégio, o vale do rio torna-se mais estreito e a estrada aproxima-se das montanhas (serra de S. João), que ficam à direita. Ao pé da serra, encontrei outra venda, onde, apesar do aspecto pouco convidativo, parei meia hora... (BURMEISTER, 1980, p.92-93)

Após mais uma hora e meia de caminhada, chegaram às vinte horas na vila de Santana, onde Burmeister alojou sua tropa em outra ferraria. Ali aprendeu, através da ajuda de outros conterrâneos alemães que moravam em Cantagalo, a como tomar um banho de sal grosso para relaxar o corpo: “Esta ablução deixou-

me muito bem disposto e recomendo-a aos viajantes”. O grupo seguiu pela manhã até a região denominada Águas Compridas, já na serra:

O trajeto do dia, até Águas Compridas, a cinco léguas de Santana, foi mais divertido que o da véspera. Passada esta localidade, começa região montanhosa, coberta de florestas, porém gradualmente. Até o meio-dia, seguimos por uma estrada larga, ao longo de outeiros cobertos de vegetação. Não era ainda a mata virgem, apenas cerrados, entre os quais se destacava, cá e lá, uma grande árvore, com sua copa frondosa. Onde havia declives íngremes era o matagal, mas nos lugares menos inclinados, especialmente nas baixadas, espalhavam-se os campos cultivados. Vi aí, pela primeira vez, a planta da mandioca (BURMEISTER, 1980, p.93).

O relato de Burmeister sobre a mandioca é menos pormenorizado que o de Ewbank, mas vale citar suas impressões sobre a forma de se plantar no Brasil, através da prática indígena da *coivara*, ou seja, a queima da mata no processo de preparação do terreno para o plantio onde

nele, medra, por entre uma variedade de plantas nocivas, a mandioca, o milho, a batata e o feijão, cobrindo com suas folhas o solo e os restos meio queimados da antiga vegetação, exceto os gigantescos cepos secos, sobre os quais continuam a vicejar alguns restos de lianas. (...)É fácil observar-se a triste transformação da selva viçosa em uma primitiva plantação de milho. Viajando-se pelo interior, encontram-se estas culturas, maiores ou menores, todas preparadas assim, pois não há outro meio de conquistar da selva o pedaço de terra arável, tão necessário para a vida do camponês (BURMEISTER, 1980, p.94-95).

O trajeto de Burmeister passaria por Cachoeira, onde se hospedaria, mas sem, contudo, visitar a localidade “já que não sentia ânimo para caminhar e visitar a cidade; deitava-me e dormia, fazendo desta forma a única coisa que apetece ao europeu que tão repentinamente se vê transportado para essas zonas quentes” (BURMEISTER, 1980, p.95). Dali subiria serra onde no caminho narra ter encontrado um pedágio pela passagem dos animais e cerca de 50 negros

trabalhando no conserto da estrada. Ficariam em mais uma hospedagem localizada em Águas Compridas, de onde seguiram até o cume da serra, abandonando de vez a região do rio Macacu.

Avista-se, do cume, todo o vale do Macacu, que se estende por 12 milhas, descendo em terraços e alargando-se cada vez mais até atingir a baía. Nota-se, nitidamente, o espelho do mar, brilhando numa grande extensão branca, no fundo da qual se descortinam as montanhas de um azul cinzento.(...) Em dias de absoluta claridade, distingue-se o casario branco do Rio de Janeiro e, quando o vento sopra nessa direção, ouve-se também o troar das salvas de canhões. Durante muito tempo, fiquei a contemplar esta paisagem deslumbrante, de tão variada natureza. Finalmente perdi-a de vista, pois começamos a descer para o vale do rio das Bengalas, bastante parecido, aliás, com o que acabávamos de deixar (BURMEISTER, 1980, p.102).

Johann Jakob von Tschudi

Para a sua viagem, Tschudi, em 1864, tomou como ponto de partida a vila de Campos dos Goytacazes, que alcançara vindo do Espírito Santo. Daí seguiu para São Fidélis de Sigmaringa e São José de Leonissa da Aldeia da Pedra (Itaocara), hospedando-se em hotéis e pousadas nas localidades e em propriedades de homens pertencentes à “nobreza da terra” ou de conterrâneos seus, suíços. Seu destino, a vila de Nova Friburgo.

Com toda certeza planejou um trajeto que o encaminharia para aquele núcleo de colonização suíça, iniciado por D. João VI, ponteando sua viagem pelas propriedades habitadas por seus conterrâneos:

Após uma viagem de duas horas, sob incessantes chuvas, alcançamos a fazenda Bom-fim, onde encontramos hospedagem. A propriedade era de um certo Heckedorn, do cantão de Solothurn, havia pouco estabelecido ali (...) na manhã seguinte, fomos até a fazenda Palmital do Córrego da Anta, a meia légua de distância, e também pertencente a um suíço, que nela morava havia muitos anos, solteiro (...) Às sete da noite paramos em uma fazenda cujo nome não me lembro. Era propriedade de três irmãos de Heckendorn, o da fazenda Bom-fim, onde pernoitáramos dois dias antes. Dois deles eram

solteiros e o outro, casado com a filha de um colono suíço. Tratava-se de gente muito simples, arraigada ainda aos costumes da pátria longínqua, e que levava ali, entre seus 70 escravos negros, vida patriarcal. (...) O pai destes Heckendorn fora um daqueles suíços que imigraram para Brasil em 1819, por iniciativa de dom João VI, e que fundaram Nova Friburgo (TSCHUDI, 1953, p.33-34).

O dado de Tschudi apresenta descendentes de colonizadores suíços como proprietários de escravos. Chama a atenção no relato de Tschudi que nenhum dos suíços mencionados casara-se com brasileiras.

Fez uma longa descrição sobre a produção e beneficiamento do café, suas técnicas e problemas de produção, pragas, cobras, que em absoluto caberia descrever aqui e deixou registrada sua observação sobre a escravidão negra, percebendo os efeitos da Lei Eusébio de Queirós, de 1850. Em 1864, ano de sua viagem, já funcionava a Estrada de Ferro de Cantagalo, construída pelo barão de Nova Friburgo Antônio Clemente Pinto, barão de Nova Friburgo, na busca de equacionar o problema de se retirar o café de suas muitas fazendas em Cantagalo e encaminhá-lo para o porto da capital da província, em Niterói. O relato abaixo sugere que a planta do café dominava a paisagem da região:

O trecho percorrido nesse dia atravessa uma região bem cultivada, com várias fazendas, todas elas dedicadas à cultura do café em larga escala. Mas os cafezais não me pareceram tão bem cuidados como os que eu vi, meses atrás, na província de São Paulo. O mesmo pode-se dizer das estradas, que a todas elas encontrei em péssimo estado (...) nas plantações de café e nas de cana-de-açúcar empregam-se no Brasil quase que exclusivamente escravos, pois não se pode levar em consideração o reduzido número de colonos de parceria. Segundo dados oficiais, o número de escravos existentes decresce de 2% por ano, desfalcando assim a lavoura anualmente de grandes contingentes de braços (TSCHUDI, 1953, p.33-34).

A expedição chegou em Cantagalo, onde Tschudi expressou, em poucas linhas, todo o seu eurocentrismo: “A agricultura brasileira parece ser exercida no

distrito de Cantagalo pelos métodos mais racionais (...) Muitos dos fazendeiros ali residentes são europeus de grande inteligência” (TSCHUDI, 1953, p.40).

São muito interessantes as observações de Tschudi sobre o homem mais rico e poderoso da região à sua época, o barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, analisado através de um posicionamento crítico, num misto de elogio, defesa e cuidado frente a homem tão poderoso. Excessivamente extenso, não é possível transcrevê-lo aqui. Entretanto, em algumas páginas à frente de sua biografia do barão de Nova Friburgo, e sem explicitar ter uma relação direta com o barão ou outro proprietário em particular, Tschudi deixou um contundente depoimento acerca do poder de homens que a tradição política brasileira identificaria posteriormente com o apelido de ‘coronéis’.

Pergunto eu – quantas vezes aconteceu no Brasil que um homem rico e influente tivesse sentado no banco dos réus afim de se justificar de seus crimes? (...) Ai da testemunha que ousasse opor-se a um acusado desta espécie. Ficaria na alternativa de desaparecer durante o processo ou sofrer a vingança pessoal do acusado quando terminasse o julgamento. (...) O brasileiro rico não suja suas mãos com sangue, de modo nenhum, o capanga lhe fará o serviço por baixo preço; e, de certo modo o fazendeiro desvia assim a vingança do inimigo e o castigo por um crime que na realidade não executou. Em paga ele protege o capanga onde lhe for possível, consegue-lhe a dispensa do serviço militar, serve-lhe de testemunha e, obrigando as circunstâncias, recebe-o em sua mesa. (...) Não creio ser necessário, ao denunciar tal praga publicamente, declarar que conheço inúmeros brasileiros retos e honestos, que são os primeiros a apontar essa chaga no corpo da nação, condenando-a severamente, e que a população em geral nada tem com tais costumes vergonhosos (TSCHUDI, 1953, p.91-82).

O grupo chegou a Nova Friburgo e dali seguiu serra abaixo, na direção do Rio de Janeiro, não sem antes frisar a importância que tinha a estrada da serra para o comércio, ligando a região cafeeira à baixada.

O caminho que leva do Alto da Serra ao vale do Rio Macacu é parcialmente íngreme, mas em geral de difícil trânsito para

cavalos. No entanto, ao considerarmos o grande movimento que nele se estabelece e sua grande importância, devemos reconhecer que fica muito aquém de toda e qualquer exigência, por mais modesta que seja. (...) O sol do meio dia provoca um calor sufocante nesse vale estreito e ao chegarmos ao pé da serra, fomos refrescar-nos na venda de um escocês que ali havia. (...) encontramos a sala tão repleta de gente e ruídos, que preferimos montar novamente para, vencendo mais uma pequena légua, chegarmos à estação da estrada de ferro de Cachoeira (TSCHUDI, 1953, p.108).

Tschudi, como já se disse, não atravessaria o Vale do Macacu a cavalo, como Burmeister, mas tomaria o trem, em Cachoeira, seguindo até Porto das Caixas e daí, a pé, até Sampaio.¹⁰ Ao contrário do alemão, Tschudi visitou a pequena localidade de Cachoeira, que segundo ele

fora antigamente uma pobre aldeia, chegando a ter certa importância devido a estrada de ferro de Cantagalo que nela tem seu termo. Atualmente Cachoeira possui muitas casas novas de construção leve, grandes vendas e numerosos armazéns. Do distrito de Cantagalo chegam ali diariamente de 500 a 600 sacas de café, que são remetidas para o Rio de Janeiro. Antes da construção dessa via férrea, os fazendeiros eram forçados a atravessar com tropas todo o vale do Macacu até o ponto onde o rio se torna navegável para batelões maiores (TSCHUDI, 1953, p.109).

A viagem de trem privou Tschudi de um contato mais íntimo com o ambiente do Vale, oportunidade vivida por Ewbank e Burmeister:

No dia seguinte, às 8 horas da manhã, tomamos o trem, em cuja locomotiva, como alegoria ao nome da estrada de ferro, estava pintado um galo cantando¹¹. (...) Meia hora depois de nossa partida de Cachoeira, chegamos à estação de Santana, a única importante em todo o percurso, e 5/4 de hora mais tarde,

¹⁰ A Estrada de Ferro de Cantagalo teve seu primeiro trecho inaugurado em 23 de abril de 1860, compreendido entre as localidades de Cachoeiras e Porto das caixas. Foi construído pelo barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, no interesse do transporte de seu café ao porto da Província. Posteriormente seriam inaugurados os trechos até Nova Friburgo (1873) e até Niterói, em Maruí (1875), completando-se a ligação da região cafeeira com Niterói.

¹¹ Na página 171 do Suplemento do Almanaque Laemmert de 1861, encontra-se a “*Tabella provisória dos fretes de cargas e taxas de passageiros na Estrada de Ferro do Porto das Caixas á Raiz da Serra de Friburgo.*” A fonte pode ser acessada pelo link <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak/al1861/00001214.html>.

estávamos no termo, em Porto das Caixas. Em vez de ir a estrada até o ponto de embarque dos vapores, como tudo aconselhava, termina em Porto das Caixas, devido a interesses particulares e intrigas locais. Tanto os passageiros como as mercadorias têm que ser transportados em carruagens e carroças para o porto de embarque, num trajeto que leva meia hora. Em geral há deficiência de carros e grande número de pessoas é forçado a caminhar, ou aguardar a volta dos veículos, arriscando a perder o vapor (TSCHUDI, 1953, p.115-116).

Tschudi deixou pequena descrição da Vila de Santo Antônio de Sá, que ao contrário de Burmeister e Ewbank, não visitou, já que a ferrovia jamais passaria por aquela localidade. Suas anotações se resumem a mencionar as febres palestres e o cenário de abandono sofrido pela vila, sobre a qual pode ter obtido informações de terceiros. O transporte ferroviário substituiria as longas viagens a pé ou em lombo de animal e superaria em eficiência o trajeto por rio e os incômodos encalhes do vapor. A navegação, por sua vez, seria posteriormente superada pela ligação da ferrovia com Niterói, completada em 1875. O viajante alemão, entretanto, teve uma opinião negativa a respeito do futuro da nova estrada de ferro:

Não se pode contar com grandes melhoramentos futuros na estrada de ferro Cantagalo, mesmo quando esta estrada atingir seus pontos terminais: Niterói e Cantagalo, pois, se de um lado o transporte de mercadorias e passageiros aumenta, do outro aumentam proporcionalmente também o custo da manutenção e despesas (TSCHUDI, 1953, p.115).

Descreveu Sampaio, parada obrigatória para embarque no barco a vapor para todos os tres viajantes, cujas linhas regulares à época de Tschudi ainda funcionavam. Ali aguardou, por alguns minutos, a saída do vapor, provavelmente no mesmo restaurante freqüentado por Burmeister:

Sampaio, situada na margem esquerda do rio Macacu, ganhou certa importância, devido a sua ligação com o Rio de Janeiro, e os dias de saída e chegada dos vapores, o movimento ali é intenso. Existe nesse local desde tempos remotos um estaleiro para navios, onde se constroem

pequenos barcos costeiros, e os indígenas se dedicam ao comércio de madeira com a capital. (...) Os vapores costumam fazer três vezes por semana o trajeto entre Sampaio e Rio de Janeiro, havendo assim sempre um afluência considerável de viajantes (TSCHUDI, 1953, p.115-116).¹²

Sua viagem terminou com uma observação entediada, mas que reflete a fisionomia de um típico rio de baixada, formador de mangues. Tschudi se alegria ao ver a Baía da Guanabara abrindo-se aos seus olhos na foz do Macacu. Talvez a mesma alegria que tivera Ewbank, o fugitivo viajante norte-americano que adentrou o Macacu com os rojões de Santo Antônio em seu encalço:

A viagem não oferece aspectos interessantes, devido à forte vegetação de mangue e às curvas estreitas e numerosas que não permitem uma vista à distância.(...)Depois de uma hora e meia de viagem a partir de Sampaio, saímos das águas barrentas do rio e entramos na baía maravilhosa, atracando, uma hora e três quartos depois, na Ponte Mauá, na Prainha, no Rio de Janeiro (TSCHUDI, 1953, p.116-117)

Narrativas

Com os relatos desses três viajantes que estiveram no Vale do Macacu em épocas, condições e objetivos de viagem distintos, pode-se tentar estabelecer um quadro, bem geral diga-se de passagem, dessa região, inferindo a realidade a partir dos seus relatos. Dado ao que se expôs no início do artigo, deve-se caminhar com cuidado por entre as linhas traçadas por Ewbank, Burmeister e Tschudi, contaminadas das suas subjetividades. Entretanto, no risco de se desconsiderar em demasia a veracidade de suas descrições, cabe ao historiador mais cuidadoso e conscio de seu ofício, testar estes relatos, cruzando-os entre si

¹². No Almanaque Laemmert para o ano de 1864, encontram-se informações mais precisas sobre a navegação pelo Macacu até Sampaio. A empresa que fazia a navegação era a “*União Nictheroyense*, Companhia de Navegação a Vapor, com escritório à rua de São Bento, nº 50. os vapores atendiam a duas linhas, uma para Magé e outra para Sampaio. Esta última fazia uma escala em Vila Nova, com saídas às terças, quintas e sábados, às 9 e meia da manhã e retorno às segundas, quartas e sextas às 11 horas. Os preços das passagens eram os seguintes: passageiro calçado, 2 mil Réis; passageiro descalço, 1 mil Réis e animais de montaria, 3 mil Réis.

na busca de similaridades esclarecedoras, ou mesmo contradições que agucem aprofundamentos de pesquisa ou mesmo com o apoio de outras tantas fontes .

Assim, podemos inferir – e o nosso espaço nos priva de um mais longo exercício comparativo de fontes - que ainda predominavam vastas regiões de mangues e de florestas no vale do Macacu, apesar da ocupação de áreas para o plantio de cana-de-açúcar, e uma agricultura de subsistência para a produção da farinha de mandioca, o milho, arroz e o feijão. Muitas propriedades espalhavam-se por todo o vale, produzindo essa farinha, a cachaça e o açúcar. Também percebe-se a presença de uma pecuária extensiva e a criação de animais para corte como ovelhas e porcos.

O viajantes estiveram, se percebe, presentes nas maiores propriedades, em fazendas, com escravarias significativas, entre 70 e 200 cativos. O historiador não se pode deixar iludir, entretanto, com a idéia de que toda a região fosse ocupada, uniformemente, por grandes propriedades. Deve ser lembrado que os viajantes tenham escolhido, deliberadamente, onde iriam pousar. Como exemplo, e em contraste com a “ilusão” de uma região repleta de grandes propriedades, o Almanaque Laemmert, de 1851, ano que escolhi por ser o da visita de Burmeister, apresenta, para a freguesia da Santíssima Trindade, região que se adentrava ao chegar na altura da fazenda Papucaia, uma relação de 11 proprietários de fazendas, com destaque para Bibiana de Araújo & Filhos, *com cinco fazendas e uma de café*. Entretanto, em oposição a esse número, o Almanaque nos dá uma listagem de cento e tres lavradores, ou seja, não detentores de fazendas, mas possivelmente de pequenas e médias propriedades, produtores de gêneros para mercado interno ou mesmo plantadores de cana, que forneciam aos engenhos, num sistema de moagem em parceria.

O comércio na região também aparece relatado como feito de forma intensa, não só pelo que se percebe nos relatos dos viajantes, que apresentam um comércio local dinamizado pelas muitas tropas de burros e mulas, e das vendas em beira de estrada, fornecedoras de todo tipo de produtos, mas também pelo mesmo relatório do Almanaque, que dá a existência, para 1851, de 36

negociantes de secos e molhados. Além dos produtos agrícolas, a região possuía um intenso comércio de madeiras, distribuídas, como vimos, através dos portos de rio. O mesmo Almanaque registra a existência de nove *fábricas de serrar madeiras por água*.

A estrada principal se dirigia diretamente a Cantagalo, nem sempre muito bem cuidada e não uniforme em sua estrutura, apresentando, ora aqui, ora ali, trechos mais ou menos bem cuidados. Os cinquenta escravos vistos por Burmeister poderiam ser cativos condenados pelas autoridades por crimes cometidos e obrigados ao “serviço público”, alugados aos proprietários locais ou quem sabe pertencentes ao responsável pela manutenção da via. Antes da ferrovia, o acesso à região a partir do Rio de Janeiro, inclusive por muitos estrangeiros, se dava pela navegação através do rio Macacu, com as localidades mais importantes compreendidas pelo porto de Sampaio, Porto das Caixas, Vila Nova, Santo Antônio de Sá, Ponte do Pinheiro, Santana e Cachoeiras, esta com importância adquirida graças à estação da estrada de ferro ali construída e inaugurada em 1860.

Uma biodiversidade ainda intensa é revelada pela presença de pacas, tatus, jacarés, várias espécies de pássaros, macacos, ratos, muitas espécies vegetais, convivendo com uma região pantanosa e alagadiça formada pelo regime de cheias do Macacu e seus afluentes, que despertavam o medo nos habitantes e viajantes estrangeiros, apavorados com a possibilidade de se inalar os *miasmas* maléficos e contrair a doença, inocentando os milhões de *Anopheles* que infestavam a região.

Pode-se afirmar que apesar dos viajantes tratados neste texto possuírem visões muito específicas acerca do que viram, cada um identificou características que acreditavam ser importantes para a localidade em questão. Evidentemente, seus relatos precisam ser analisados com o cotejamento de outras fontes, mas de qualquer forma, estes são preciosos para o historiador, na medida em que eles foram pessoas que circularam no mundo que nós só conhecemos através de documentos.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro organizado e redigido por Eduardo Laemmert.** Rio de Janeiro (Vários anos).
- BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais: visando especialmente a história natural dos distritos aurí-diamantíferos.** Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Ed. da USP, 1980.
- EWBANK, Thomas. ***A vida no Brasil ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras.*** Tradução: Homero Castro Jobim. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.
- FLORENTINO, Manolo & GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790 - c.1850.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- Reconhecimento do Rio de Macacu e da estrada que conduz a Nova Friburgo (Colônia Suíça),1819.** Localização: ARC 003, 13,026 ex.1 Cartografia ARC.014,04,006 ex.2 Cartografia ARC 004, 01, 017 ex.3 Cartografia. Seção de Cartografia. Biblioteca Nacional
- SARDINHA, Deneci de Souza. **Estudos sobre a degradação da mata ciliar do curso médio da Bacia do Rio Macacu.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006
- SOUZA, Afrânio Biscardi. **Debret e Ewbank: A leitura estrangeira do modus vivendi barroco no Brasil oitocentista.** Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2004.
- TSCHUDI, Johann Jakob von. ***Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo.*** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.